

ÍNDIOS

Partilha de bens de Tutu Pombo será decidida na terça

Aldeia e parentes disputam patrimônio avaliado em Cr\$ 30 bilhões

Sérgio Amaral/AE—20/6/90

MÁRCIA TURCATO

BRASÍLIA — A partilha dos bens do cacique Tutu Pombo — que morreu dia 12, aos 66 anos, por falência múltipla de órgãos — causará grandes disputas judiciais. A previsão é do procurador da República Wagner Gonçalves, titular da Coordenadoria do Índio. Segundo o advogado da Fundação Nacional do Índio (Funai), Amaury Azevedo, o patrimônio do ex-líder caiapó, avaliado em cerca de Cr\$ 30 bilhões, reverte em benefício de sua aldeia, a Quicretum, onde vivem 400 índios. Na terça-feira, Azevedo vai à aldeia, no sul do Pará, com o objetivo de assessorar a partilha dos bens. Os índios esperam ser contemplados com a herança. A família pensa o mesmo. São dez filhos e a viúva.

O cacique que sucedeu Tutu Pombo — Niti, 25 anos, filho do líder caiapó e escolhido pelo Conselho dos Velhos — tem poderes para definir a questão e deverá escolher a família. Mesmo assim, a divisão do espólio será complicada, adverte o procurador Wagner Gonçalves. “Creio que haverá necessidade de se fazer o inventário dos bens”, diz ele.

Bens — Ao morrer, o coronel Pombo, como gostava de ser chamado o cacique de 1m80 e 100 quilos, deixou registrados em seu nome um avião bimotor (avaliado em Cr\$ 1,2 bilhão), um monomotor (Cr\$ 800 milhões), três fazendas no sul do Pará, de extensão e valores desconhecidos, e outros investimentos. Além desses bens, Tutu Pombo escriturou três



Herança milionária

Tutu Pombo: dois aviões, três fazendas, três casas de alvenaria, dois automóveis e outros investimentos

casas de alvenaria — uma em Tucumã, outra em Redenção (ambas no sul do Pará) e a terceira em Belém. O cacique ainda possuía um automóvel e uma camionete de cabine dupla, de acordo com o advogado José Carlos de Castro, amigo de Tutu Pombo.

“A Funai chegou a catalogar alguns dos bens do cacique, mas muita coisa que ele adquiriu nós não ficamos sabendo, porque Tutu Pombo agia com total independência”, revela o administrador da Funai em Redenção, Francisco de Oliveira Ramos.

Parabólica — A aldeia Quicretum, onde Tutu Pombo morreu e foi sepultado, evidencia a grandeza conquistada pelo

cacique, que destituiu o cacique Raoni em 1990. Mais de 50 casas são de alvenaria, há antena parabólica de televisão e a maioria dos moradores possui o que existe de mais moderno em eletrodomésticos.

Tal opulência — em se tratando de uma aldeia na Amazônia — se tornou possível graças a um acordo firmado com garimpeiros, em 1985, pelo qual entregavam ao cacique 5% do ouro lavrado. A produção era vendida pelos índios em lojas de Redenção. Além disso, o mogno extraído da área da aldeia já rendeu Cr\$ 180 bilhões e ainda há em Quicretum 190 mil árvores para comercialização, o equivalente a 500 mil metros cúbicos de madeira.

Caiapós são os índios mais ricos

BRASÍLIA — Eles não figuram no relatório anual dos maiores investidores do Brasil, preparado pelas revistas especializadas, mas os caiapós são um sucesso empresarial. Em 1989, comercializaram um quantidade de ouro equivalente US\$ 70 mil (cerca de Cr\$ 350 milhões) no período recorde de um mês. A in-

formação consta de relatório preparado pelo Centro Ecuemênico de Documentação e Informação (Cedi). Os índios mais ricos do País somam 11 mil pessoas, distribuídas por nove aldeias do Pará.

Liderados pelos caciques Paulinho Paiacá, da aldeia Aucre — acusado de estuprar uma estudante em 31 de

maio; Tubeí, da Gorotire, e até recentemente pelo cacique Tutu Pombo, da Quicretum, os caiapós fizeram sua iniciação no mundo financeiro em 1985, por meio de acordos com garimpeiros. A aldeia Quicretum fica com 5% da produção de ouro extraída de suas terras. As demais cobram uma taxa de 12%.